

A mediação social do jornalista na cobertura radiofônica do trânsito¹

Mara Ferreira Rovida

A notícia sobre o trânsito deixou de ser apenas uma pauta comum entre os veículos de comunicação jornalística que cobrem as questões urbanas e passou a ser “quase” uma editoria. No caso do radiojornalismo, essa “obsessão” pela notícia sobre a mobilidade fica ainda mais evidente.² As informações sobre o tema se fazem presentes ao longo da programação das emissoras de rádio e não estão mais restritas aos chamados horários de *rush* ou períodos de pico – o que corresponderia ao início da manhã e ao final da tarde.

Entre as motivações da demanda por informações sobre o trânsito está a crescente dificuldade de ir e vir nos grandes centros urbanos. Os índices recordes de congestionamento, aliados ao investimento reduzido em transporte coletivo, contribuem para um cenário em que boa parte da população perde horas diariamente nos trajetos entre a

1 Uma primeira versão deste texto foi publicada nos Anais do Congresso Intercom de 2013.

2 Uma pesquisa realizada em março de 2013 pelo portal Comunique-se revelou que as principais emissoras de radiojornalismo de São Paulo dedicavam, em média, 10,5% do horário nobre à cobertura do trânsito.

casa, o trabalho e os ambientes de estudo. Não é fácil circular por espaços urbanos como a chamada Região Metropolitana de São Paulo (RMSP), formada por 39 municípios e habitada por quase 20 milhões de pessoas, segundo o censo 2010 realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Como resultado do adensamento urbano³ verificado na RMSP, onde vive um em cada dez brasileiros, a mobilidade é um problema que se impõe de forma generalizada. Disso decorre a crescente demanda por informações sobre o trânsito e, como dito no início, o rádiojornalismo se destaca nesse processo. Um exemplo da relação cada vez mais estreita entre o veículo rádio e a cobertura do trânsito é a rádio SulAmérica trânsito (FM 92,1), emissora criada em 2007 numa parceria entre a SulAmérica seguros para autos e o grupo Bandeirantes de comunicação. A programação da emissora é totalmente dedicada à cobertura do trânsito da chamada Grande São Paulo, ou RMSP.

O objetivo central da rádio SulAmérica trânsito (RST), segundo seus idealizadores,⁴ é o mesmo das demais emissoras de rádio jornalísticas que cobrem o trânsito: a prestação de serviços. Mas, ao observar mais de perto a dinâmica da cobertura realizada pelos repórteres da RST e a relação entre produtores de informação e público ouvinte, é possível perceber que o jornalismo extrapola a simples prestação pontual de serviço informativo sobre a mobilidade urbana.

3 Outros fatores também contribuem para esse problema, como o processo de periferização das moradias, a concentração de empregos em áreas centrais e o alto custo de vida nos centros desenvolvidos dessas megalópoles.

4 Essa informação foi verificada durante entrevista com o editor-chefe da rádio, Ronald Gimenez, em 23 fev. 2012.

Jornalismo, diálogo e solidariedade social

A observação das relações sociais estabelecidas no entorno da cobertura do trânsito foi desenvolvida em pesquisa de doutorado no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Escola de Comunicação e artes da Universidade de São Paulo (USP). Essa análise foi conduzida com base em dois procedimentos que, juntos, permitiram repensar o papel do jornalista na sociedade contemporânea em sua atuação como um fomentador de diálogo ou um agente a serviço da dialogia. Por um lado, uma discussão de ordem epistemológica embasou os questionamentos acadêmico-científicos e, por outro, uma pesquisa de campo foi fonte de dados e informações empíricas. Usando ambos procedimentos (de forma conjunta) como aspectos norteadores da pesquisa, o trabalho apontou para uma possível potencialidade do jornalismo como espaço de encontro das diversidades e do jornalista, por sua vez, como fomentador da solidariedade social.

Cremilda Medina (1996) discute a interferência ou contribuição criativa do agente de mediação social no processo de comunicação jornalística. Segundo a autora, uma tríade formada por fontes de informação, mediador e público faz parte de tal processo comunicativo e este agente que se coloca entre as várias esferas sociais é capaz de criar diálogo entre as pessoas, independentemente dos antagonismos ou diferenças que possam existir entre esses indivíduos. Obviamente que tal posicionamento teórico não pretende propor como característica do jornalista a habilidade de criar consenso ou eliminar os conflitos que marcam as relações sociais contemporâneas. Mas tal perspectiva evidencia uma possibilidade de diálogo que se apresenta no processo de comunicação jornalística.

Para que o jornalista possa criar diálogo entre as pessoas, sejam elas fontes de informação ou parte do público, ele deve se posicionar como um leitor cultural.

Só um mediador que estuda as culturas do local ao universal passando pelo regional e nacional, poderá atuar como agente de mediação social. Só o jornalista que se aperfeiçoa para poder criar, terá alguma possibilidade interveniente no processo de mediação social. Só o mediador que se obriga a um projeto de pesquisa cognoscitiva terá competência para modificar o status quo (hegemonia do emissor) e praticar o discurso polifônico e polissêmico (Medina, 1996, p. 20).

Esta postura de leitor cultural permitirá ao jornalista criar narrativas baseadas no modelo osmótico,⁵ isto é, um sistema de impulso cultural formado pela diversidade, pelas misturas, pelo diverso. A partir desse ponto de vista, as várias referências culturais e/ou identitárias são preservadas e respeitadas como características da vida em sociedade.

Assim a dialogia, como resultado possível da comunicação jornalística, propiciaria a expansão da solidariedade orgânica. O conceito, criado pelo sociólogo francês Émile Durkheim, designa um processo de reconhecimento das diversidades sociais – típicas da sociedade capitalista – originadas, em sua maioria, pelo processo de divisão do trabalho que serve de base para o modelo de organização

5 O conceito de comunicação osmótica, citado por Medina, foi criado por Jean Lohisse no livro *La communication anonyme* (Paris, 1969). O autor apresenta uma série de três modelos de comunicação baseada em aspectos culturais presentes na sociedade contemporânea: o arquétipo, o osmótico e o lidertipo. No primeiro modelo, a comunicação se baseia naquilo que é reconhecido e identificado de forma universal como símbolos míticos, imagens artísticas, ritos religiosos etc. Já no modelo osmótico, as várias referências culturais são colocadas em relação, preservando-se a identidade e a individualidade de cada uma delas. Por último, o modelo lidertípico se caracteriza pela ênfase naquilo que é considerado como padrão de “sucesso” pelas nações dominantes (um exemplo é a perseguição do chamado *american way of life* como um modelo de vida social a ser alcançado).

social contemporâneo. Segundo Durkheim (2004), nesse tipo de sociedade as pessoas são identificadas pela atividade profissional que exercem, isto é, seu papel social tem um vínculo estreito com sua atividade de trabalho.

(...) nele [no capitalismo], os indivíduos não mais são agrupados segundo suas relações de descendência, mas segundo a natureza particular da atividade social a que se consagram. Seu meio natural e necessário não é mais o meio natal, mas o meio profissional. Não é mais a consanguinidade, real ou fictícia, que assinala a posição de cada um, mas a função que ele desempenha (Durkheim, 2004, p. 165-166).

De acordo com essa visão, a diversidade social seria, em grande medida, resultado do processo de divisão do trabalho. Essa característica da sociedade contemporânea também marcará as relações sociais. Como uma espécie de resultado colateral, será observado no seio da sociedade capitalista um crescente processo de interdependência entre indivíduos e entre grupos sociais. Isto porque, quanto mais dividido for o processo produtivo, maior será o grau de dependência entre os representantes dessa diversidade. Sendo assim, o mesmo fenômeno que cria as diferenças impõe a necessidade das relações solidárias.

Se o jornalista, em sua postura dialógica, for capaz de colocar em perspectiva esse processo de interdependência, a profissão poderia fomentar a solidariedade social mais comum nesse tipo de sociedade, conforme identificado por Durkheim. Em outras palavras, o jornalista teria a capacidade de fomentar a solidariedade orgânica⁶ entre

⁶ A noção durkheimiana de solidariedade orgânica destaca uma série de vínculos sociais que se estabelece a partir do modelo produtivo capitalista; o indivíduo faz parte de coletivos sociais que, por sua vez, formam a sociedade. Tanto no meio do grupo social como no âmbito da sociedade de forma mais alargada, haverá um reconhecimento do

os indivíduos de diferentes grupos sociais ao apresentar de forma respeitosa aquilo que identifica e também diferencia os personagens envolvidos em suas narrativas.

O repórter, o caminhoneiro e o ouvinte

Os três atores sociais, encontrados no espaço urbano do trânsito e apresentados na dinâmica da comunicação produzida pela Rádio SulAmérica trânsito (RST), apareceram em um episódio, observado em 2011, que inspirou o trabalho de campo da pesquisa de doutorado anteriormente citado.

O acompanhamento da cena envolvendo esses três personagens⁷ se deu de forma não planejada. Na manhã de 23 de agosto de 2011, um incidente envolvendo um caminhoneiro virou notícia na RST e repercutiu, de forma inesperada, entre os ouvintes da rádio. O repórter Ronaldo Rodrigues entrou no ar, por volta de 6h30, para contar que um caminhão estava bloqueando a passagem de uma faixa da pista central da Marginal do rio Tietê – uma das principais vias da capital paulista. Ele relatou que o motorista de caminhão havia parado antes de chegar a São Paulo para descansar e foi acordado, ainda de madrugada, por bandidos armados que levaram parte de seus pertences pessoais. Assustado, o motorista resolveu seguir viagem e naquele ponto da Marginal do rio Tietê acabou passando por um desnível de pista o que fez a carga se mover para um dos lados do veículo. Por muito pouco, o movimento da mercadoria não resultou em um acidente maior – o caminhão poderia tombar ou mesmo a carga poderia cair na pista.

indivíduo como participe da coletividade. A percepção e o respeito dedicado a esses vínculos corresponderiam, grosso modo, ao que Durkheim propõe como solidariedade orgânica.

7 Embora protagonistas reais, assume-se a liberdade poética de nomeá-los personagens.

Após narrar os detalhes da história e indicar onde havia acontecido o incidente e, portanto, onde era o bloqueio de pista, Ronaldo Rodrigues finalizou sua entrada dizendo que não iria falar com o motorista em respeito ao momento difícil pelo qual passava, afinal o repórter, em suas próprias palavras, percebia, de onde estava, o desespero do caminhoneiro. A justificativa para não abordá-lo e a forma como a narrativa foi conduzida resultaram numa quantidade inesperada de mensagens de ouvintes que parabenizavam o repórter por sua conduta e, ao mesmo tempo, se solidarizavam com o motorista do caminhão.

Esse episódio suscitou alguns questionamentos sobre os limites da chamada prestação de serviço informativo como característica essencial de qualquer produção jornalística e sobre a possibilidade de pensar o jornalismo como um espaço social que guarda um potencial de diálogo, nos moldes defendidos por Medina. Além disso, a cena descrita coloca em perspectiva a relação existente entre o jornalismo como espaço dialógico e o fomento, ou facilitação, da solidariedade social entre os personagens da metrópole, geralmente observados a partir de seus antagonismos e, portanto, das diferenças que marcam os conflitos.

O repórter em trânsito

Com base nessa cena, que parece perturbar a ordem mais comum⁸ do cenário urbano observado na pesquisa, foi traçado um projeto de trabalho de campo cujo objetivo era vivenciar o espaço do trânsito sob a ótica dos dois principais personagens que aparecem no episódio narrado: caminhoneiro e repórter. Mas, neste artigo, será

⁸ Em geral, o caminhoneiro é tido como um causador de problemas no espaço urbano do trânsito. Basta ver o enquadramento de boa parte das notícias que o envolvem e o colocam numa posição de antagonismo em relação à própria cidade. Para mais detalhes, ver Rovida, Mara F., 2013.

apresentada uma parte da etapa da pesquisa empírica dedicada ao jornalista inserido nesta dinâmica social.

O repórter da RST, que realiza seu trabalho no próprio espaço do trânsito onde suas pautas se desenrolam como cenas urbanas cotidianas, possui algumas características que o diferenciam de outros profissionais do jornalismo nesse tipo de cobertura. Para compreender de que forma esse jornalista pode ou não exercer um papel de mediador social e, portanto, impulsionar o diálogo entre as diversidades e facilitar a solidariedade social, três repórteres da RST foram acompanhados em um dia de trabalho. A observação se deu ao longo de 18 horas de vivência no espaço do trânsito ao lado dos jornalistas.

Além dos três dias dedicados ao acompanhamento da jornada de trabalho dos profissionais de comunicação, foram feitas duas entrevistas com pessoas ligadas à chefia da emissora e algumas horas de observação do trabalho realizado dentro dos estúdios da rádio. Com base nas 23 horas de contato direto com a equipe da RST, é possível delinear um perfil do repórter da rádio que dedica sua cobertura exclusivamente às questões do trânsito.

A equipe de reportagem se divide em três turnos: manhã, tarde e noite. A rádio conta com seus repórteres de rua das 6 horas às 21 horas, de segunda a sexta-feira. Em feriados e finais de semana, o horário de cobertura externa é ligeiramente reduzido, bem como o número de profissionais nessa atividade. Durante a semana, o primeiro repórter inicia seu plantão às 6 horas e outros dois profissionais começam a trabalhar às 7 horas. O primeiro a entrar no trabalho finaliza seu plantão ao meio-dia e os outros dois, às 13 horas, mesmo horário de entrada de dois repórteres do turno da tarde que atuam nas ruas até às 18 horas. Um profissional começa no meio da tarde, por volta de 15 horas, e é o último a encerrar o plantão do dia, às 21 horas.

Cada plantão dura seis horas, e todos os repórteres passam na emissora antes de iniciar sua jornada. Eles precisam pegar o carro da rádio (que é caracterizado como veículo de reportagem) com o qual vão trabalhar no dia e isso tem de ser feito alguns minutos antes do horário de início do plantão, porque eles terão entre 10 e 15 minutos para rodar pela cidade antes do primeiro boletim ao vivo. “(...) quando entramos no ar, temos de ter alguma coisa para falar”,⁹ por isso a necessidade de sair no horário certo que o plantão começa.

O repórter tem uma área da cidade de São Paulo para cobrir. Em geral, eles não saem da capital, apenas o fazem quando há um motivo especial e isso é definido com a chefia. Normalmente, a cobertura fica dividida em quatro regiões da capital: Zona Sul, Zona Oeste e Centro, Zona Leste e Marginal do rio Tietê e adjacências. A importância da via que margeia o rio Tietê para o trânsito da cidade – e de boa parte dos municípios que fazem divisa com a capital – é tamanha que a RST mantém um repórter, na maior parte do dia, nesse local.

As ferramentas de trabalho do repórter se resumem ao carro, que ele próprio dirige, e a um celular acoplado a um fone de ouvidos e a um microfone. Não há tempo nem condições propícias para parar o carro a cada entrada ao vivo (são, em média, cinco entradas por hora), por isso os boletins são feitos no improviso e as falas são produzidas enquanto o profissional segue dirigindo pela cidade. São seis horas em movimento constante. Cada repórter tem um intervalo de meia hora para comer, ir ao banheiro e “esticar as pernas”. No restante do plantão, eles ficam o tempo todo dentro do carro, circulando pela região que lhes foi designada no dia.

9 Caio Rocha, repórter da RST acompanhado em 9 fev. 2012.

As paradas, além do intervalo, são feitas apenas em situações mais graves como acidentes, bloqueios de pista ou outras cenas que demandam uma ação mais próxima do repórter. Nesses momentos, sempre há um problema que perturba os profissionais: onde estacionar. “Se fosse só para cumprir meu papel como repórter, bastava largar tudo e ir até os agentes da CET para perguntar o que estava acontecendo. Mas não posso largar o carro, tenho de achar um lugar para parar.” A fala da repórter Raquel Rieckmann Traldi¹⁰ demonstra a dinâmica do trabalho desses profissionais.

Além de guiar o carro, é preciso estar atento ao trânsito, ao tempo gasto nos percursos realizados e às informações que vêm do estúdio. Eles sempre estão em contato com a equipe interna da emissora e fazem a escuta da rádio durante todo o período do plantão. O acúmulo de funções e a própria agressividade do trânsito tornam a jornada estressante e cansativa, mas a vivência no espaço da rua amplia o conhecimento e a capacidade de lidar com os assuntos da cidade.

Para a apresentadora Ana Paula Rodrigues,¹¹ que foi repórter durante um ano e meio, ir para a rua e enfrentar os problemas ao lado da população – ficar preso no engarrafamento, enfrentar enchente, ver acidente, enfim, estar na mesma situação do ouvinte – proporciona à equipe um conhecimento real, porque vivenciado, do que acontece. Então, a preocupação com a qual lidam com o desespero de alguém que está no meio de um alagamento, por exemplo, ou de uma família que precisa chegar a um hospital é real e o público reconhece isso.

Esse aspecto do trabalho do repórter diferencia, certamente, sua fala das demais que tratam do tema, mas

10 Acompanhada em 22 mar. 2012.

11 Entrevistada em 23 fev. 2012.

que são produzidas a partir de estúdios ou de outros locais distanciados do cenário urbano das ruas.

Ouvinte, coautor da informação

Na produção realizada pela equipe da RST, o ouvinte não é apenas um comentador ou um expectador a quem é permitido opinar, desabafar ou demandar, ele se tornou um coautor do processo de comunicação. Ele dá informações, responde perguntas feitas por outros ouvintes da rádio e, claro, faz questionamentos, opiniões e manda recados. Como a dinâmica do trânsito é propensa a mudanças bruscas e nem sempre as informações chegam com muita rapidez (afinal, o quadro de funcionários da emissora é enxuto e as autoridades também têm limitações para atualizar as informações oficiais), os ouvintes se tornaram fontes de grande peso para o trabalho da rádio. Ana Paula Rodrigues conta que é muito comum a emissora receber notícias de acidentes por relatos de ouvintes e só depois de algum tempo ter a confirmação das autoridades.

Um ouvinte fala, outro confirma e um terceiro também avisa, a gente já começa a trabalhar como se o fato estivesse confirmado. Mas tomamos o cuidado de dizer que a informação é dos ouvintes e que não há ainda confirmação das autoridades ou da nossa reportagem.

A relação entre a equipe da emissora e o público ouvinte se estreita por duas razões. A primeira é pelo “auto reconhecimento” imediato proporcionado pela fala do repórter que apresenta situações vivenciadas por esse público (jornalista e ouvinte estão parados no mesmo trânsito, fogem das mesmas enchentes etc.). Além disso, a participação do público no processo de produção da informação transformou a rádio em uma espécie de ponto de encontro de pessoas em movimento pela Grande São Paulo.

O espaço dado à participação do público resulta de um processo inesperado, segundo o editor-chefe Ronald Gimenez. Quando foi convidado para integrar a equipe que colocaria em funcionamento a emissora de rádio, projetada para ter sua grade de programação totalmente preenchida pela cobertura do trânsito da Grande São Paulo e por músicas, Ronald Gimenez duvidou que a ideia pudesse dar certo. Ele imaginou, no início, que só seria viável levar o projeto adiante se boa parte do tempo fosse dedicada à música, o que seria totalmente compreensível por ser uma rádio FM.

Ronald Gimenez relembra que, antes de colocar a emissora no ar, foi montada uma hora básica da grade para teste e ele achou que seria muito complicado manter aquela dinâmica sem as músicas. Mas, quando a rádio foi ao ar e os canais de contato com o público foram inaugurados, a música foi praticamente banida da programação. “Agora temos música apenas entre 22 horas e 5 horas da manhã ou em feriados e fins de semana.” O comentário, feito durante a entrevista, serve para enfatizar que a participação do ouvinte é tamanha, e ganhou tanta importância, que passou a ser uma das prioridades no processo de “narração” das situações decorridas no cenário do trânsito.

Em média, a rádio recebe 5 mil mensagens por dia. Esse número, no entanto, pode aumentar muito em dias de grandes ocorrências, como enchentes ou acidentes graves, ou ser menor em finais de semana ou feriados. As mensagens chegam por vários canais de comunicação: um número de celular recebe mensagens de voz e de texto (SMS), além de um e-mail e de contas em sites de relacionamento (Facebook e Twitter).

Um espaço de diálogo

O repórter tem a experiência do espaço urbano; a emissora não apenas permite como incentiva o público a

participar de forma ativa; as divergências de opinião costumam aparecer; as minorias são facilmente criticadas, mas o jornalista comprometido com seu papel de mediador pode ultrapassar os limites dos conflitos e criar condições adequadas ao diálogo entre as diversidades em disputa.

Quando um acidente, ou incidente, acontece no trânsito da Grande São Paulo e envolve um caminhão, a probabilidade de o assunto ser abordado de forma negativa ao que se refere ao grupo profissional dos caminhoneiros é grande. A maior parte das pessoas que circulam pelo espaço urbano é formada por outros grupos que, normalmente, observam o caminhoneiro como um outsider. Isso fica evidenciado na fala dos ouvintes que participam da programação da RST, mas também acaba aparecendo na opinião de alguns jornalistas da própria emissora.

Dessa forma, o episódio narrado anteriormente se destaca justamente pelo fato de que o caminhoneiro está relacionado a um grupo minoritário no espaço do trânsito urbano. Mesmo que o repórter não tratasse o tema de forma desrespeitosa e apenas indicasse o bloqueio de pista sem contar tudo o que aconteceu para que o episódio culminasse naquele ponto em que o veículo não podia ser retirado do lugar até o transbordo da carga – retirada da mercadoria da carroceria daquele caminhão para outro –, dificilmente o público da emissora seria solidário ou compreensivo com o caminhoneiro. Certamente, as mensagens trariam um teor de agressividade e de desabafo por mais um “prejuízo” causado por alguém que “nem deveria estar ali” – há sempre a ideia de que o lugar do caminhão é na estrada e não em ruas e avenidas da cidade.

Assim, é possível apontar alguns questionamentos que ajudam a repensar o papel do jornalista na sociedade contemporânea e as implicações de sua atuação nas relações sociais entre os representantes dessa diversidade.

Se a emissora de rádio já possui um grau considerável de proximidade com seu público – que se reconhece na fala dos repórteres e participa da produção da informação – e a dinâmica de trabalho de sua equipe de reportagem impõe uma imersão na realidade social, é possível indicar que há, nesta produção jornalística, um ambiente favorável ao desenvolvimento de uma comunicação dialógica.

A maneira como Ronaldo Rodrigues se apropriou e narrou as informações sobre o incidente na Marginal do rio Tietê resultou numa comunicação polifônica e polissêmica. Isso não significa que o repórter tenha utilizado alguma técnica diferenciada ou inovadora. Ele apenas perguntou o que aconteceu, buscou os detalhes da situação e criou uma narrativa que permitiu ao público da emissora conhecer a história do personagem principal da cena (dialogia), saber o local do incidente e seus reflexos no trânsito (prestação de serviço informativo) e compreender a experiência do trânsito a partir da perspectiva do caminhoneiro (solidariedade social).

Percebe-se que as relações de diálogo e solidariedade observadas nesse episódio não se verificam em todas as situações noticiadas pela rádio. Apesar disso, a dialogia, bem como a ampliação da abrangência da solidariedade orgânica presente na cena narrada pelo jornalista, pode ser observada na repercussão espontânea do público. Essa constatação ofereceu subsídios para a elaboração de uma terceira perspectiva conceitual que surge a partir da aproximação da dialogia jornalística e da solidariedade orgânica. Trata-se da ideia do diálogo social solidário que aparece como potencial da narrativa jornalística dialógica quando esta amplia a abrangência da solidariedade orgânica, observada entre os protagonistas e o mediador ao colocar-se um terceiro grupo nessa relação, o público.

Além disso, fica claro que a proposta de leitura cultural e de engajamento do jornalista, defendidos por Medi-

na, não se limitam a grandes produções como reportagens especiais, documentários ou peças jornalísticas mais elaboradas. Numa corriqueira cobertura de trânsito apresentada por uma emissora de rádio, o jornalista colocou em diálogo solidário indivíduos marcados pela diversidade social e em constante disputa no espaço urbano.

Referências

DURKHEIM, Émile. **Da divisão do trabalho social**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

MEDINA, Cremilda. **Profissão jornalista**: responsabilidade social. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

MEDINA, Cremilda. **Povo e personagem**. Canoas: Ulbra, 1996.

MEDINA, Cremilda. **Símbolos e narrativas**: rodízio 97 na cobertura jornalística. São Paulo: Secretaria do Meio Ambiente, 1998.

MEDINA, Cremilda. **O signo da relação**: comunicação e pedagogia dos afetos. São Paulo: Paulus, 2006.

MEDINA, Cremilda. **Entrevista**: o diálogo possível. São Paulo: Ática, 2008.

ROVIDA, Mara F. O trânsito em pauta: o debate público, político e jornalístico sobre o problema da mobilidade. **Parágrafo**, v. 1, p. 105-115, 2013.

